

COGNIÇÃO E DEVIR-MÁQUINA

Considerações em Slavoj Žižek e Jean-Pierre Dupuy

Merielle do Espírito Santo Brandão¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo a análise filosófica da questão do conceito de homem no cerne contemporâneo das ciências cognitivas, da filosofia-psicanalítica e do devir-máquina no pensamento de Slavoj Žižek e Jean-Pierre Dupuy. A partir de uma perspectiva do sujeito moderno reformulado, o homem descentrado está mediante uma realidade tecnocientífica a qual rompe com o antigo ideal de sujeito posto, finalizado. Perpassado por um ideal de devir-máquina em um jogo entre cognição e linguagem máquina-homem / homem-máquina, este efetiva-se categoricamente aberto, maleável, em fluxo contínuo; em que o campo da subjetividade e da objetividade deve ser pensado ao se realizar nos devires-máquinas e acontecimentos.

Palavras-chave: Homem; Cognição; Devir-máquina; Subjetividade.

Abstract: This paper has as object a philosophical analysis the question of the concept of man at the heart of contemporary cognitive sciences, psychoanalytic philosophy and becoming-machine in the thinking of Slavoj Žižek and Jean-Pierre Dupuy. From a perspective of the reformulated modern subject, the decentralized man is through a technoscientific reality that breaks with the old ideal of the post subject, finalized. Pervaded by an ideal of becoming-machine in a game between cognition and machine-man / man-machine language, this becomes categorically open, malleable, in continuous flow; in which the field of subjectivity and objectivity must be thought of when it takes place in the becoming-machines and events.

Keywords: Man; Cognition; Becoming-machine; Subjectivity.

Introdução

O ponto fulcral deste trabalho é o sujeito/homem descentrado e suas validações contexto contemporâneo do devir-máquina tecnocientífico. Para esse objeto de estudo cabe uma análise em dois diferentes filósofos sobre o tema homem-máquina / máquina-homem. A saber, o debate deste cenário realiza-se principalmente na esfera da filosofia e da ciência como modo de compreender tanto a realização desse homem em campo objetivo (científico), quanto nos prismas filosóficos que almejam o entendimento da subjetividade. Para isto, as ciências cognitivas e suas origens serão abordadas dentro da filosofia de Jean-Pierre Dupuy

¹Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Mestra em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal De Sergipe - UFS. Especialização em Filosofia e Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Doutoranda em Filosofia do Conhecimento e Linguagem pela Universidade Federal De Sergipe – UFS. E-mail: meriellebrandao@gmail.com.br

em sentido técnico-científico-filosófico; e na filosofia de Slavoj Žižek em sentido filosófico-psicanalítico, a partir de uma leitura pós-deleuziana e suas assertivas quanto à questão tecnocientífica no horizonte entre “máquinas desejanter” humanas e máquinas-máquinas (aparatos tecnocientíficos). Se dentro da visão cognitiva as Conferências Macy solidificam o campo da cognição, linguística, cibernética e psicologias sem subjetividades – por alcançar um perfil científico aos moldes do Massachusetts Institute of Technology – MIT e da Stanford University, lar acadêmico de Dupuy; em Žižek a clara evidência do contemporâneo tecnocientífico desemboca no ambiente da análise pós-deleuzeana e nas influências da psicanálise para lidar com o homem-máquina e a máquina-homem posicionando a subjetividade e o mundo objetivo em seus devidos lugares. Vale ressaltar que a crítica de Dupuy a cibernética e ao que ele chama de “ascensão do anti-humanismo” abarca um perfil filosófico da querela tecnologia e ciência, mas em seu perfil analítico, a filosofia dupuyana acaba por se deparar com a impossibilidade de pensar a subjetividade; caindo no vã da filosofia da ciência em sentido estrito e no pensamento sobre um sujeito tipicamente autômato. Enquanto em Žižek é pela via da potencialização das capacidades do homem e da compreensão da libertação da subjetividade que o projeto do devir-máquina se realiza em um homem “puro”, aberto, contínuo, cindido em fluxos de acontecimento e na realização otimista de um horizonte homem-máquina / máquina-homem.

O sujeito e o homem descentrado

Para avaliarmos os desdobramentos contemporâneos sobre os temas “ciências cognitivas e devir-máquina” é fundamental perfazer, mesmo que de modo breve, os vieses do conceito de sujeito da modernidade e homem descentrado no contemporâneo. De fato, o conceito tem sido pensado sobre uma perspectiva de solução/problema do homem, tanto em sentido moderno e suas validações, quanto da perspectiva filosófica contemporânea continental e seus fluxos, sentidos e conceitos atualíssimos.

Seja no descentramento do que conhecemos como sujeito moderno e sua natureza (mecânica) humana ainda cogitada nas filosofias de *neo*-modernos como Habermas, ou no para além deste mesmo homem em vertentes tecnocientíficas, cyborgues, cibernéticas, ciências cognitivas e analíticas, ou ainda as implicações deste no pensamento continental e as inferências necessárias da psicanálise, o entendimento sobre o homem no cenário vigente é

requisitado de modo incessante pelo o que entendemos como: homem descentrado e as possibilidades do devir-máquina.

No que se refere aos vieses da formação ideal do homem/sujeito moderno lidamos com uma transformação/atualização contemporânea daquele sujeito outrora cartesiano. Seja fecundo em suas características autômatas, posto, mensurado *per-si*; ou aquele sujeito humanista, moral e de “natureza humana”. Um homem o qual facilmente se pode confundir muito mais com o sujeito de natureza social norteadada por essa moral; como cita Alan Badiou e Slavoj Žižek em (2013) *Philosophy in the Present* ao afirmar que Jürgen Habermas, no livro *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* busca uma solução neokantina do ser humano como sujeito moral e não como homem, nos aproximando do sujeito e nos distanciando do homem dos fenômenos cognitivos.

Essa atualização contemporânea nos escombros do que chamamos homem descentrado encontra-se circunscrito no devir-máquina ou no que aqui chamaremos de pós-humanidades. A saber, encontramos hoje de modo diverso um homem fadado ao “fim” mediante o leviatã da tecnociência emergindo entre aparelhagens robóticas e com capacidades “autopoiesicas”², ou seja, técnicas-maquináveis.

Por outro lado, em uma perspectiva continental, encontramos o mergulho no homem objeto-cognoscível, não o que tudo acessa, mas o que em tudo pode ser acessado; o homem da leitura da filosofia-psicanalítica e da psicanálise-filosófica; exposto, não mais puramente cognoscente habituado em seu quadrado solipsista cartesiano, mas fora, aberto, maleável, cindido em probabilidades, um fluxo na produção incessante da subjetividade, nas “processualidades” dos devires-máquinas; que não está dado, nem posto, mas se constitui no dado, no acontecimento, como em Deleuze e Guattari.

Dá-se que, desse modo, aquele velho modelo de sujeito cartesiano é confrontado e reformulado no contemporâneo por tendências epistemológicas e ontológicas diversas, como desconstrucionistas, heideggerianos, feministas, cognitivistas e demais vertentes. Neste trabalho, centraremos a efetividade do pensamento contemporâneo sobre o sujeito/homem descentrado em dois diferentes filósofos, contudo que em suas formações almejam de modo atualíssimo o debate sobre o tema: os filósofos Slavoj Žižek e Jean-Pierre Dupuy.

² “A definição e o estabelecimento do conceito de autopoiesis são um marco no pensamento de Humberto Maturana e revelam sua preocupação com o colocar parâmetros para a compreensão do ser em sua dinâmica enquanto ser vivo e com “transgredir” os limites estritos da biologia, implicitamente propondo a extensão da interpretação da existência de um ser num meio.” Ver SACHET, Zenaide. Tudo é dito por um observador: Da autopoiesis dos seres vivos à imersão humana na linguagem. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279250/1/Sachet_Zenaide_M.pdf. Acesso em: 12/10/2020.

De modo assertivo, enquanto em Žižek o homem encontra-se na possibilidade do motor do pós-marxismo como pensa na obra *Sujeito incômodo* e ao mesmo tempo assentado numa crítica pós-deleuzeana, como o faz no livro *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*. Em Dupuy, o homem situa-se demarcado nas teorias da auto-organização fruto de um darwinismo das ciências humanas de René Girard (considerado o “Darwin das ciências humanas”; de quem Jean-Pierre Dupuy é comentador e discípulo) e no interesse das “ciências cognitivas” que surgem das mais diversas áreas com filósofos, matemáticos, “psicólogos”, neurobiólogos e engenheiros do movimento da cibernética da década de 1940.

No entanto, em que sentido o movimento cibernético mina conceitos dessa origem das ciências cognitivas? Neste movimento cyber o posicionamento de Dupuy percorre muito mais o sentido do entendimento homem e de uma filosofia da cognição (mente) que em um protótipo orgânico manipulável por uma dominação deliberada das máquinas como propunha posteriormente a cibernética – inclusive se mostrando avesso até certo ponto ao movimento em detrimento da condição humana. Em 2011, anos após a obra das ciências cognitivas e sua primeira publicação em 1985, Dupuy reafirma um interesse quase pessoal como uma tentativa de esclarecimento que o ponto fulcral das ciências cognitivas nunca foi a mecanização do homem; alegando que a noção do seu trabalho, assim como em Karl Popper, estava estritamente norteadas por um programa de pesquisa metafísica em que é de inteira responsabilidade do filósofo descobrir a mesma e deixá-la exposta a crítica. A saber, em um artigo do Metanexus Institute de tradução livre: *A cibernética é um anti-humanismo: tecnologias avançadas e a rebelião contra a condição humana*, Dupuy deixa claro que:

O que tentei mostrar é que a cibernética, longe de ser a apoteose do humanismo cartesiano, como supunha Heidegger, na verdade representou um momento crucial em sua desmistificação e, na verdade, em sua desconstrução. Para tomar emprestado um termo que tem sido aplicado ao movimento estruturalista nas ciências humanas, a cibernética constituiu um passo decisivo no surgimento do *anti-humanismo*. Considere, por exemplo, a maneira como a cibernética concebia a relação entre homem e máquina. Os filósofos da consciência não foram os únicos a serem apanhados na armadilha criada por uma pergunta como “Será que um dia será possível projetar uma máquina que pensa?” A resposta do cibernético, mais no espírito de Molière, foi: “Madame, você se orgulha tanto de pensar. E, no entanto, você é apenas uma máquina!” O objetivo da ciência cognitiva sempre foi - e ainda é hoje - a mecanização da mente, não a humanização da máquina. (DUPUY, 2011, p. 01).

Portanto, a origem das ciências cognitivas citada aqui é pensada para Dupuy a partir da cibernética apenas como modo de salvaguardar o homem da tecnociência, e não compartilhando com ela aquele fundo que neste trabalho estamos chamando de devir-máquina

e as possibilidades de submissão do homem a máquina ou de uma efetivação do homem-máquina/máquina-homem.

Assim, será que o esforço de Dupuy no esclarecimento da divisão entre cibernética e ciência cognitiva atravessa uma metafísica ontológica consciente sobre o entendimento humano? Para o cientista-filósofo francês o entendimento sobre o homem desejado nas ciências cognitivas emerge da necessidade de um paradigma onde várias ciências em contribuição conjunta atinjam um parecer sobre a subjetividade deste – mesmo que, estranhamente, essa subjetividade soasse analítica, negasse a psicanálise alegando “psicologismos” e tivesse como ponto de partida uma objetividade estritamente autômata do seu meio científico: as engenharias da escola politécnica francesa, os estudos tecnocientíficos do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e do núcleo de filosofia da ciência analítica da Stanford University.

Ciências cognitivas e cibernética: objetivar a homem-máquina ou a máquina-homem?

Na obra *Nas origens das ciências cognitivas* (1985), Dupuy galga o que hoje constitui um dos eixos da discussão entre algumas ciências interessadas na problemática do homem, da cognição, da subjetividade (mesmo que um tanto quanto objetivada, como dito) e do desenvolvimento da tecnociência a partir das Conferências Macy.³

Por “ciências cognitivas” entende-se uma gama de conhecimentos com possibilidade de interdisciplinaridade com foco dupuyano para a filosofia da mente (objeto fundante de sua compreensão) em consonância com a neurociência, a psicologia cognitivista e a linguística; com o intuito de corroborar teses sobre o homem afastando as condições de efetivação da máquina-homem. Assim, para ele, é alvo único de inspiração das ciências cognitivas um *download* mecânico que potencialize a mente humana e não uma atualização humanóide que potencialize a máquina, levando-a ao status de homem.

³ “Terminada a guerra, a Fundação Macy retomou a sugestão que lhe fora feita por McCulloch em 1942 e encarregou este de montar um ciclo de conferências sobre as ideias nascentes, que ainda não haviam recebido seu nome de batismo. Segundo os princípios da fundação, tratava-se de reunir em intervalos regulares (em geral, a cada seis meses) um pequeno grupo de cerca de vinte pesquisadores, membros oficiais do ciclo em questão, os quais podiam acrescentar até cinco convidados. [...] Em 1947, foi organizada a Terceira Conferência Macy, com o mesmo título que a segunda [Time, Communication, and Nervous System]. Foi esse, também, o ano em que Wiener forjou a palavra “Cibernética” para dar uma unidade ao movimento de ideias. Ver, DUPUY, Jean-Pierre. *Nas origens das ciências cognitivas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira Manha. Editora Unesp, 1996. pp. 86-87, grifo nosso.

Portanto, é dentro dessa perspectiva que em 1985 Dupuy refaz o caminho das origens das ciências cognitivas e, além de tecer críticas à cibernética no que tange a um possível pós-humano máquina, ele alega ser a filosofia da mente fruto de uma ramificação seletiva da filosofia analítica, da filosofia da ciência e do conceito da linguagem da fenomenologia. Negando a importância da produção psicanalítica-filosófica do pós-estruturalismo, ao almejar uma ciência cognitiva, Dupuy evita o que segundo ele eram considerados “psicologismos”, ou como ele mesmo afirmava:

A identidade do que se dá como ciência da mente permanece profundamente filosófica. Essa ciência que fala em nome das ciências e das técnicas que compõem a área, mais uma vez, principalmente as neurociências, a inteligência artificial, a chamada psicologia cognitivista e a linguística, e as quais ela oferece esse suplemento da alma (ou do espírito) que as reúne umas às outras, é na realidade uma filosofia. É uma filosofia que se introduz no interior do Cavalo de Troia das Ciências e das técnicas para investir o domínio da mente e dele expulsar os intrusos que ainda ocupavam o lugar: outras filosofias – principalmente as filosofias da consciência, a fenomenologia, o existencialismo –; outras psicologias: como o behaviorismo e a psicanálise –; outras ciências – singularmente as ciências sociais e humanas do tipo estruturalista. (DUPUY, 1996, p. 114)

Deste modo, as conexões entre as diversas ciências nas Conferências Macy tornam-se parte da filosofia de Dupuy quanto ao entendimento do homem, mente, autômatos, dentre outros interesses tecnocientíficos. Todos em direção a uma filosofia da ciência que em nada poderia fortalecer o entendimento sobre a subjetividade e que, por mais que negue a objetificação da cibernética – e sua ameaça ao que Dupuy chama de “condição humana” pensada através de uma pesquisa preocupada com uma metafísica ontológica – retorna e retoma o axioma do sujeito cartesiano da cognição com o intuito de proteção daquela velha “*res mecânica*” moderna.

Ademais, ao promover máquinas inteligentes, ou de potencial cognitivo correlato ao humano, as discussões das Conferências cognitivas pairavam entre organismo (cérebro e mente) versus máquina (máquinas lógicas), como a máquina de Alan Turing, ou a máquina de redes neurais de Warren *McCulloch* e Walter *Pitts*. Para Dupuy a assimilação das máquinas lógicas a mente humana, aparecia apenas nas propostas destes primeiros cibernéticos com propulsores das redes neurais e que não possuíam a proposta de objetivação tecnocientífica do homem. A saber, para Dupuy, “não é a máquina que os primeiros cibernéticos dotam de humanidade — é o humano que, deliberadamente, eles assimilam a máquina”.⁴ Havendo assim, apenas nos primeiros cibernéticos um modelo de maximização que comportará um homem agora potencializado pela máquina.

⁴ DUPUY, Jean-Pierre. *Nas origens das ciências cognitivas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira Manha. Editora Unesp, 1996. p. 52.

Nesse sentido e na defesa de Dupuy, resguardando o movimento das ciências cognitivas, todo o movimento da cibernética posterior e imediato ao primeiro tangeria o ideal de destruição do sujeito e a criação do que ele chama de anti-humanismo. Operando uma desconstrução e desmistificação do homem perante a máquina, a cibernética é a possibilidade da “ascensão do anti-humanismo” para o qual, segundo Dupuy, deve-se ser não só posto em vigilância, mas também ser pensado e negado mediante a defesa do humanismo; salvaguardando este humanismo dos abusos das evoluções da ciência e da técnica, como afirmava:

Começarei com uma pergunta clássica: pode a ideia que temos da pessoa humana, ou seja, de nós mesmos, sobreviver à marcha das descobertas científicas? É um lugar-comum que de Copérnico à biologia molecular, e de Marx a Freud ao longo do caminho, tivemos que abandonar constantemente nossa visão orgulhosa de nós mesmos como ocupando um lugar especial no universo e admitir que estamos à mercê de determinismos que deixam pouco espaço para o que estamos acostumados a considerar nossa liberdade e nossa razão. Não está a ciência cognitiva agora no processo de completar este processo de desilusão e desmistificação, mostrando-nos que apenas onde acreditamos sentir o funcionamento de uma mente, há apenas o disparo de redes neurais, não é diferente, em princípio, de um circuito elétrico comum? A tarefa à qual me juntei a muitos outros, diante de interpretações redutoras de avanços científicos desse tipo, foi defender os valores próprios da pessoa humana, ou, para ser mais direto, defender o humanismo contra os excessos da ciência e tecnologia. (DUPUY, 2011, p. 01)

Dito isto, observa-se neste artigo de 2011 uma filosofia dupuyana muito mais arraigada no seio de uma crítica e da necessidade de uma urgente separação entre o surgimento das ciências cognitivas e a cibernética do que uma aceitação do meio em que havia despontado o interesse não só pelo homem-máquina e seus processos neuronais, porém, também, o interesse na humanização neural e linguística da máquina. Assim, apesar de concluir que almeja um entendimento da subjetivação da mente sem sujeito (ironicamente um órgão sem corpo?) é no vão de uma filosofia da cognição (aparentemente despreocupada com o sujeito da subjetividade sobre o qual se debruçava a psicanálise) e contribuições específicas de ciências apenas satisfatórias, que estranhamente Dupuy constroi uma perspectiva da mente no centro de um debate muito mais tecnocientífico (o qual temia) que filosófico. Tecnociência que para Dupuy é a personificação da submissão do homem à máquina: “Quanto à ciência e tecnologia, ou melhor, ‘tecnociência’ (expressão que pretende significar que a ciência está subordinada à ambição prática de dominar o mundo por meio da tecnologia).”⁵

⁵ Ver, DUPUY, Jean-Pierre. *H-: Cybernetics Is An Antihumanism: Advanced Technologies and the Rebellion Against the Human Condition*. Disponível em: <<https://metanexus.net/h-cybernetics-antihumanism-advanced-technologies-and-rebellion-against-human-condition/>>. Acesso em: 13/10/2020. p. 01.

O devir-máquina: o homem-máquina é a máquina-homem!

Slavoj Žižek, distante de uma filosofia da ciência e arraigado dentro do projeto filosófico-psicanalítico – o qual Jean-Pierre Dupuy chamara, talvez erroneamente, de “psicologismo”, por estar debruçado na psicologia cognitivista de responsabilidade epistemológica quanto a subjetividade nula – na obra *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*, desenvolve no capítulo “Devir-máquina” uma breve e extraordinária resolução, ao seu molde, da longa querela em torno do tema: homem-máquina e máquina-homem.

De fato, Žižek mesmo enquanto filósofo exímio do contemporâneo, não tem como cerne do seu pensamento filosófico a questão da pós-humanidade nos devires-máquinas; e apesar de multifacetado e atravessando inúmeros temas atualíssimos o ponto central de sua filosofia não intercepta diretamente o tema. Mesmo assim, é a partir de um breve capítulo do seu livro *Órgãos sem corpos*, que antes de pensarmos neste trabalho sobre a constituição ou inferências da tecnociência, devemos nos apoiar quanto ao fato que o núcleo de todo esse debate é o conceito de homem contemporâneo e como este se efetiva. E neste tema e de modo assertivo Žižek não só é apto, como construiu um arcabouço filosófico desde o seu pensamento sobre o sujeito moderno.

Desse modo, apto ao debate sujeito moderno/homem contemporâneo, como Žižek trata a querela devir-máquina para este homem atualíssimo? De modo geral, podemos dizer que para o filósofo esloveno o homem-máquina é, sem nenhum alarde, o projeto positivo de uma máquina-homem. Apesar de alegar aquele campo de debate eterno no contemporâneo: homem *versus* máquina e máquina *versus* homem, ser um tema exaustivo e improvável de resolução apaziguada, é pelo caminho do otimismo subjetivo e objetivo do homem que o filósofo chega a essa conclusão. Žižek acredita na função fundamental da valoração da máquina assimilada ao homem, inclusive na construção de uma nova subjetividade, a qual diferente de Dupuy, Žižek está não só familiarizado, como possui notoriedade por suas investigações psicanalítico-filosóficas.

De fato, de Dupuy e seu ciclo politécnico de filosofia da ciência, MIT e analíticas, a Žižek, como dito, prontamente contemporâneo e acima de tudo psicanalítico-laciano, temos diferenças consideráveis no que concerne ao tema devir-máquina. E não podemos só falar aqui em temporalidade de escrita e meio epistemológico científico ou filosófico diverso o qual cada um faz parte; mas à disposição do entendimento sobre o homem descentrado contemporâneo, visto em uma corda bamba entre um autômato da modernidade (dupuyano) e

o homem fluxo contínuo, aberto, acessível a psico-análises, humanidades e propriamente contemporâneo (zizekeano).

Em Žižek, com referência inicial ao capítulo “devir-máquina”, há uma distinção necessária entre o que Gilles Deleuze chama de “máquina desejanter” e a produção lúdica da tecnociência – ironicamente aterrorizante. Ele atenta ao fato de que nos relacionamos com o nosso corpo assim como as máquinas se relacionam com seus aparatos. Constituímo-nos como “máquinas desejanter” que tangem os devires-máquinas, e não como um devir-máquina cibernético no horizonte de uma pós-humanidade.

O esquizo deleuziano identifica-se alegremente com essa máquina infinitamente complexa que é o nosso corpo: ele vivencia essa máquina impessoal como afirmação máxima de si mesmo, regozijando-se em seu titular constante. Como enfatiza Deleuze, o que obteremos aqui não é uma relação de metáfora (o velho e maçante tema das “máquinas substituindo o homem”), e sim de metamorfose, o “devir-máquina” de um homem. (ŽIŽEK, 2008, p. 35)

A saber, o devir-máquina é, em si e, por si, um projeto de adaptação necessariamente humana e realizável para o próprio homem. Uma metamorfose advinda da revolução da tecnociência realizando-se concomitantemente com o homem na linha tênue deste enquanto “máquina desejanter” que é; e não em uma pós-produção ficcional científica medonha que o subjuga a partir de uma máquina exterior a ele.

O espectro da velha “forma” e/ou “substância” humana se desdobra no cyborgue – que não precisa ser alcançado como um projeto robótico (Robocop) – , mas apenas como nós, humanos, fusionados a aparatos cognitivos tecnológicos. Logo, este devir-máquina zizekeano não representa aquele requerido pelo projeto da robótica, da cibernética, ou os possíveis humanos autômatos modernos da neurociência e afins. Antes sim, este é a possibilidade do homem poroso, aberto; o homem que pode e deve incorporar às máquinas externas a ele como projeto de maximização do que é.

O problema não é como reduzir a mente pela linguagem dos processos neuronais “materiais” (substituir a linguagem da mente a processos neuronais “materiais” (substituir a linguagem da mente pela linguagem dos processos cerebrais e traduzir a primeira em termos da segunda), mas, sobretudo, compreender como a mente pode surgir somente ao estar incrustada na rede de relações sociais e suplementos materiais. Em outras palavras, o verdadeiro problema não é: Como, caso possível, as máquinas poderiam imitar a mente humana? mas: “Como a própria identidade da mente humana depende de suplementos mecânicos externos? Como ela incorpora as máquinas?” (ŽIŽEK, 2008, p. 35)

Deste modo, a exteriorização dos processos cognitivos em objetos como máquinas inteligentes/computadores em Žižek é visto, ao que parece, de modo otimista, necessário e por que não dizer libertador. Segundo ele, deveríamos nos perguntar como essa objetificação

mental nos levaria a um ideal de humanos “puros”. Uma vez que a objetificação/exteriorização cognitiva a partir de incorporação da máquina nos traria o esvaziamento e ao surgimento da subjetividade sem substância:

Ao invés de lamentar o quanto a exteriorização de nossas capacidades mentais em instrumentos “objetivos” (da escrita em papel à dependência do computador) nos priva do nosso potencial, deveríamos, portanto, focar a dimensão libertadora dessa exteriorização: quanto mais nossas capacidades são transferidas para máquinas externas, mais surgimos como sujeitos “puros”, já que o esvaziamento equivale ao surgimento da subjetividade sem substância. Apenas quando formos capazes de depender de “máquinas pensantes” seremos confrontados com o vazio da subjetividade. (ŽIŽEK, 2008, p. 35)

Assim, a posição extraordinária sobre o devir-máquina a partir da leitura pós-deleuzeana em *Órgãos sem corpos* de Žižek é a possibilidade da otimização do homem já realizada na esfera do “sempre-já”; enquanto o contemporâneo produz debates sobre o tema como se fôssemos em algum momento oprimidos e engolidos por máquinas.

Ainda no livro, ele lembra o caso de Kevin Warwick que, em 2002, se tornou oficialmente o primeiro homem cibernético em um hospital de Oxford, com todo o seu aparato natural de sistema neurológico interconectado a hardware externos (rede de computadores). “Ele é o primeiro homem a quem dados serão submetidos diretamente, sem passar pelos cinco sentidos. Isso é o futuro: a combinação da mente humana com o computador (ao invés da substituição do primeiro sobre o segundo)”⁶. Um segundo caso dessa adaptação homem-*tékhné-logos* é o caso da interação entre, antropotécnica, ciborgue, neurociência, cibernética, no americano Chris Dancy (*mindful cyborg*). Dancy é avaliado como o homem mais *hiperconectado* do mundo. Em uma realidade entre humano e ciborgue, as reações vitais do seu corpo são digitalizadas, transformando-se em dados de regulamentação via máquina. Segundo o próprio Dancy: “Sou um ciborgue consciente porque uso a tecnologia a meu favor”⁷.

Nos casos citados, tanto em Kevin Warwick como em Chris Dancy, nota-se que apesar da experiência adotiva da máquina integrada a mente parecer uma relação hóspede e

⁶ ŽIŽEK, Slavoj. *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*. Tradução: Manuella Assad Gómez. Rio de Janeiro: Editora: Cia. De Freud, 2008. p. 37.

⁷ Chris Dancy auto declara-se *mindful cyborg* e é considerado o homem mais *hiperconectado* do mundo. Ele “parece viver mais como ciborgue do que como humano. Todos seus movimentos, temperatura corporal, pressão sanguínea, oxigênio e peso estão digitalizados. Ele também monitora a qualidade do ar que respira, volume de sua voz, alimentos que ingere, temperatura ambiente, umidade, luz, som e tudo o que assiste na televisão, entre outras coisas.” “Sou um ciborgue consciente porque uso a tecnologia a meu favor”, contou o americano, por telefone, à BBC Mundo, serviço em espanhol da BBC.” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-39696585>. Acesso em 15/10/2020.

hospedeiro ela se efetiva, para Žižek, em outra ordem já presente no que ele pontua como “a ordem desde o começo e simbólico”:

O que devemos ter em mente aqui é o fato crucial de essa sinistra experiência de integrar a mente humana diretamente a uma máquina não ser a visão de um futuro ou algo novo, mas um *insight* de algo que está sempre-já ocorrendo, que estava aqui desde o começo já que é consubstancial à ordem simbólica. O que muda é o fato de, ao sermos confrontado com a materialização direta da máquina, sua integração direta na rede neuronal, não podemos mais manter a ilusão da autonomia de uma pessoa.” (ŽIŽEK, 2008, p. 35)

A “ilusão da autonomia” é citada de modo breve por Žižek como algo que deve estar por dentro do debate ético; no entanto, na perspectiva zizekeana, estaríamos apenas diante de um choque no que se refere a autocontrole de nossa vitalidade humana em sentido de autorrealização, tal como ele afirma no exemplo do paciente que é submetido a diálise:

O fato de pacientes que necessitam de diálise, em um primeiro momento, experienciam um sentimento de impotência devastador é bastante conhecido: é difícil aceitar o fato de que minha própria sobrevivência depende do aparelho mecânico que vejo ali na minha frente. Apesar disso, o que foi dito se aplica a todos nós. Colocando de forma um pouco exagerada: todos nós precisamos de um aparato simbólico-mental de diálise. (ŽIŽEK, 2008, p. 35)

Esse aparato-máquina, cognitivo-simbólico, acaba por perpassar o Corpo sem Órgãos de Deleuze onde sua organização se dá por engrenagem perfeita entre as partes e se realizam em fluxos de modo funcional e ordenado. Em Žižek, órgãos sem corpos incorporados as máquinas externas devem estar ao alcance de uma sociedade a partir de “suplementos mecânicos artificiais que objetivam a inteligência”⁸, criando o que ele chama de “Mentes de Sociedade” e não uma “Sociedade de Mentes” – contra o que afirmava o filósofo Daniel Dennett. Essa fusão é um pressuposto fundamental para o que o filósofo esloveno entende como pontecialização de uma só máquina (homem-máquina), todavia constituída de partes.

Portanto, em Žižek o devir-máquina é sobre objetivar a inteligência numa combinação da mente humana com o computador/máquina e ainda assim pensar em modos de subjetivação “puros”, e não sobre a dominação deliberada da máquina em detrimento do homem e da exterminação ou ascensão de um anti-humanismo, como pensara Dupuy.

⁸ ŽIŽEK, Slavoj. *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*. Tradução: Manuella Assad Gómez. Rio de Janeiro: Editora: Cia. De Freud, 2008. p. 39.

Considerações finais

O cenário contemporâneo verte uma gama de possibilidades sobre o conceito de sujeito moderno/homem descentrado e a questão/condição humana e suas efetivações no cenário devir-máquina. No cerne desse sujeito, as ciências cognitivas, a psicanálise, os vieses da subjetificação e os abismos desconhecidos da objetificação da inteligência humana levam filosofia, psicanálise, técnica e ciência a vias diversas de realização e análises desse sujeito/homem descentrado. Em Jean-Pierre Dupuy, ainda de modo mecânico, em nome das filosofias das ciências, cognitivas e linguísticas; o mesmo sujeito “*res* mecânico” cartesiano da modernidade é reconfigurado em um espectro da velha guarda: o sujeito autômato. Em Slavoj Žižek as inferências das filosofias continentais e da psicanálise traçam um perfil deste homem atual de modo não só mais assertivo, mas que necessariamente não o fecha, não o deixa posto e realizado como outrora.

Mediante a querela do homem, emerge outro debate fecundo, o da tecnociência. Uma realidade híbrida e quimérica que ressoa em uma polarização de pontos de vista: seríamos o homem-máquina? Seremos ou já estamos no fim do ideal de homem no limiar do pós-humano (máquina-homem)? Em Žižek encontramos a possibilidade de uma fusão integrativa e digna no sentido de uma “maquinização” potencializadora; um acontecimento junto à “máquina desejanter” deleuziana. Um protótipo que perpassa à análise no campo da subjetividade e objetiva os processos neuronais em uma versão que não exclui, nem se aterroriza; antes sim, pensa de modo psicanalítico-filosófico o que é o homem e que, o homem-máquina por fim – também nos vieses dos fluxos contínuos entre subjetividade e objetividade – pode ser, em si, uma máquina-homem.

Referências bibliográficas

BADIOU, A.; ŽIŽEK, S. *Philosophy in the Present*. Malden: Polity Press. 2013.

BLASCO, Lúcia. “Como é a vida do ‘ciborgue’ americano Chris Dancy, o homem mais conectado do mundo”. *BBC Mundo*, serviço em espanhol da BBC, abril. 2017”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-39696585>. Acessado em: 15 nov. 2020.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Trad. de L. B. L. Orlandi,. São Paulo: Editora 34. 2001.

DUPUY, Jean-Pierre. *Nas origens das ciências cognitivas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira Manha. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

DUPUY, Jean-Pierre. *H-: Cybernetics Is An Antihumanism: Advanced Technologies and the Rebellion Against the Human Condition*. Disponível em: <<https://metanexus.net/h-cybernetics-antihumanism-advanced-technologies-and-rebellion-against-human-condition/>>. Acessado em: 12 nov. 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*. Tradução de Manuella Assad Gómez. Rio de Janeiro: Editora: Cia. de Freud, 2008.